

3414.761
C1412
Tombo 1023/12
Sysno 1178981

Título original: *ELOGIO DEI GIUDICI SCRITTO DA UN AVVOCATO*.
 Copyright © 1989 Ponte alle Grazie editori srl, Firenze.
 Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
 São Paulo, 1995, para a presente edição.

1ª edição
 junho de 1995
 5ª tiragem
 fevereiro de 2000

Tradução
 EDUARDO BRANDÃO

Revisão técnica
 Sérgio Sêrvulo da Cunha
 Revisão gráfica
 Teresa Cecília de O. Ramos
 Andréa Stahel M. da Silva
 Produção gráfica
 Geraldo Alves
 Capa
 Roberto Innocenti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Calamandrei, Piero.
 Eles, os juízes, vistos por um advogado / Piero Calamandrei :
 [tradução Eduardo Brandão]. - São Paulo : Martins Fontes, 1995.

Título original: *Elogio dei giudici scritto da un avvocato*.
 ISBN 85-336-0401-7

1. Advogados - Itália 2. Juízes - Itália 3. Justiça I. Título.

95-1842

CDU-347.96(450)

Índices para catálogo sistemático:

1. Itália : Advogados e juízes 347.96(450)
2. Itália : Juízes e advogados 347.96(450)

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados à
 Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
 Rua Conselheiro Ramalho, 330/340
 01325-000 São Paulo SP Brasil
 Tel. (11) 239-3677 Fax (11) 3105-6867
 e-mail: info@martinsfontes.com
 http://www.martinsfontes.com

O presente volume foi traduzido da
 4ª edição de *Elogio dei Giudici*,
 publicada em 1959, da qual se reproduz
 também o projeto gráfico.

rios dos dentistas. Mas sua voz, despejada naquele funil (parecido com o que a bem provida aeromoça oferece no avião a quem sofre de enjôo), vai sair decuplicada por um alto-falante colocado no alto, bem abaixo das tribunas, distante talvez cinqüenta metros do orador que fala. De modo que quem ouve seu discurso, e ouve aquele vozeirão estrídulo descer lá de cima, não consegue mais associá-lo ao homenzinho que gesticula por conta própria lá embaixo, e tem a impressão de que ele é um títere mudo, condenado a acompanhar com gestos comandados uma voz que não é sua, mas pertencente ao invisível titereiro, que move os fios lá de cima.

Se também nos tribunais forem introduzidos os alto-falantes, também os advogados serão reduzidos a isso, e toda e qualquer ilusão de colóquio pessoal e espontâneo entre juízes e defensores será para sempre destruída pela impiedosa mecânica.

Nesse caso, só faltará introduzir nas audiências também aquele aparelho magnético que serve para gravar os discursos em fita e não perturbar os magistrados com a obrigação de assistir às audiências — bastará pintar suas imagens em tamanho natural, como símbolos, no fundo da sala. Os advogados, dirigindo-se a elas, derramarão seu discurso no aparelho gravador e, no fim, o escrevão retirará a fita gravada e fará com ela um novelo carimbado e registrado, que colocará em seu devido lugar nos autos.

Não se ouvirá mais o advogado lamentar-se de que o presidente, com suas interrupções, o fez perder o fio do discurso: o fio não se perderá nunca, porque estará agora juntado aos autos e conservado, em forma de fita, no cartório do tribunal. E, se os magistrados tiverem o capricho de ouvir sua reprodução em câmara de conselho, poderão limitar-se a escutar alguns metros, desligando depois o aparelho no meio da gravação, sem prejuízo para ninguém.



* Certa vez, em Florença, um juiz do tribunal de Nova York veio fazer uma conferência sobre um tema de direito americano. Era o começo do verão. A sala, no primeiro andar, parecia um forno, e o conferencista, ao subir arquejando as escadarias, demonstrava sofrer com o calor.

Depois da conferência, assistida por um público de advogados e magistrados, ouvi por acaso um diálogo amistoso entre o juiz americano e um seu colega italiano.

Perguntava o juiz americano:

— Vocês têm ar-condicionado em suas salas de audiência?

— Não temos ar-condicionado.

- *Têm elevador?*
- *Não temos elevador.*
- *Têm secretário particular?*
- *Não temos secretário particular.*
- *Mas têm uma estenodatilógrafa?*
- *Não temos estenodatilógrafa.*
- *Então, um ditafone?*
- *Nenhum ditafone.*
- *Pelo menos uma máquina de escrever?*
- *Nada de máquina de escrever.*
- *E como é, então, que fazem justiça?*

Aqui o interlocutor italiano não lhe disse que muitos juizes italianos não têm nem sequer uma sala para si, nem um escrevão disponível, às vezes nem mesmo uma mesinha. Mas respondeu-lhe com serena naturalidade:

— *Tenho meu escritório no último andar de um velho edifício, que outrora foi um convento. Todas as manhãs, subo cento e dois degraus. É uma ginástica que serve para elevar o espírito até os céus da justiça. Lá em cima, no verão, encontro refrigério em nossa fria lógica; no inverno, aqueço-me ao fervor da nossa consciência. E as sentenças, em nosso país, são escritas com pena de ganso — é uma canseira, mas Bartolo também fazia assim.*

(Gostaria de o ter abraçado.)

XVII

DE CERTAS TRISTEZAS E HEROÍSMOS DA VIDA DOS JUÍZES